



AVENÇADO

Redacção, Administração e Composição—Rua Barjona de Freitas, n.º 26—28 Tel. 8310—Barcelos

SEMANARIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL! ——— POR BARCELOS!

Impressão—Companhia Editora do Minho
Rua D. Antonio Barroso—BARCELOS

Trimestre, 10\$—Semestre, 20\$—Ano 35\$
ASSINA- Estrangeiro 60\$
TURAS: Africa, 45\$00 e por via aérea 110\$00
(Pagamento adiantado)

Adm., Prop. e Director: *Rogério Calás de Carvalho*
Editor: *José Lucindo Cardoso de Carvalho*

Numero avulso—1 escudo
Os Snrs. Assinantes gosam o desconto de 20 %, Assinaturas para o Brasil, 50\$00, via aérea, 160\$ ESTE N.º FOI VISADO PELA CENSURA

SABADO, 1 DE MARÇO DE 1958

CONFERÊNCIAS QUARESMAIS



Domingo, na Igreja do Senhor Bom Jesus da Cruz, desta cidade, realizou-se a primeira Conferência Quaresmal, que versou sob o tema: «A Existência de Deus. A razão dos Crentes e os pretextos dos descrentes».

Foi orador o nosso ilustre Conterráneo e prezado amigo, Sr. Padre Constantino Macedo e Sousa, inteligente Professor do Colégio do Minho de Viana do Castelo e Profes-

sor do Liceu da mesma cidade. O Templo encontrava-se repleto de ouvintes e a Conferência agradou aos mais exigentes.

«O BARCELENSE» cumprimenta e felicita o prestigioso Sacerdote.

NOVOS COLABORADORES

Iniciou a sua brilhante colaboração neste semanário o nosso respeitável amigo e talentoso Orador sacro e Escritor, Sr. Dr. Padre Francisco de Mata Mourisca, ilustre Superior dos P.º P.º Capuchinhos, desta cidade.

Os belos artigos de S. Rev.ª têm o título de «Elevação e Cultura», cuja leitura está a interessar numerosos leitores de «O BARCELENSE».

Também um grupo de Estudantes dos 5.º e 4.º anos do Colégio D. António Barroso, desta cidade, principiou a colaborar neste hebdomadário, sob o título—«Chegou a nossa vez».

Estes jovens Colaboradores foram apresentados, nesta Redacção, pelo Rev.º Padre Abel Gomes da Costa, ilustre Professor daquele Colégio e da Escola Comercial e Industrial de Barcelos.

Com um abraço de boa Camaradagem, cá os recebemos nesta Trincheira, que tem por lema: *Por Portugal! Por Barcelos!*

DR. MATOS GRAÇA

Embora tardiamente, não posso também deixar de prestar homenagem a quem me enumerou no numero de seus dedicados amigos a ponto de eu não me poder esquivar ao que me pedia.

E um dia encontrando-me fóra da freguesia saiu-se com esta: Amigo, escreva em «O BARCELENSE», pois é o meu Jornal e dos meus Amigos. Prometi, e tenho cumprido conforme sei e posso.

Dr. Matos Graça era um homem de estatura mediana, bem proporcionado de corpo e gentil de rosto, mas vigoroso de forma a ninguém poder vaticinar o que lhe ia no coração.

Era modesto no seu trajar, era irresoluto no que pedia de forma a grangear inumeros amigos dentro da esfera de acção como politico intransigente em suas ideas. Era médico distintissimo, sabedor, e praticava o maximo de caridade, em seu mister. Era um bellissimo cavaqueador, e se a proposito resvalava a conversa para politica jamais acabava. Militou na politica progressiva de quem era um elemento preponderante, e, era ve-lo, em tempo de eleições, no regime depondo não tinha sossego quer no consultorio quer calcurriando as freguesias. E como gratidão aos serviços que prestava desempenhou varios cargos de responsabilidade. Entre amigos era menos concentrado, e na conversação denunciava juizo claro e pratico, grande penetração de espirito e muita agudeza natural. Era pronto e claro em respostas a dar ao que se lhe propunha, não empregando palavras esmeradas mas de facil compreensão.

Escrevia e falava com certa graça, e nos lugares de responsabilidade que desempenhou os despachos saídos de sua mão mereciam aplausos. Tinha um genio humanissimo, urbano e cortez. Foi magnanimo, generoso e forte; de coração sublime, tudo denunciando a um dia ser tallhado para empresas de responsabilidade. E assim aconteceu. E em tais circunstancias foi sempre prudente, afavel, compassivo.

Em seus escritos e discursos advogava sempre o culto da patria e do seu partido. Era um conselheiro respeitoso e desassombrado.

Tinha animo grande e incansavel, e alem disso não havia quem competisse com ele no cuidado de suas coisas. E' pouco, muito pouco, o que podia dizer sobre Dr. Matos Graça, mas é bastante por o conhecer. Eis a singela homenagem prestada no seu aniversario de falecimento do dedicado Amigo

Padre Francisco Castilho

**No Ministério da Educação Nacional
A Revolução continua num desenvolvimento notável**

De vez em quando o «Diário do Governo» traz-nos mais um decreto sobre Ensino. E nós, afeitos mais ao estrondo da obra que se inaugura com a objectiva das reportagens virada para uma barragem, para um Edificio grande ou para um bloco residencial, não nos damos conta da obra silenciosa que prepara a nossa gente para um futuro melhor.

Assim, é natural que o decreto n.º 41.381, de 21 de Novembro do ano passado, tenha passado no silêncio das coisas que só relevo têm quando se lhe medirem os efeitos. Não lesse eu as notas de reportagem da visita dos Professores das Escolas Agricolas ao Senhor Ministro da Educação Nacional, que não atentaria na importância desse novo diploma que nos revela que «A Revolução continua, e esplendorosamente em marcha, no Ministério da Educação Nacional».

Eu já escrevi alguns artigos sobre a reforma do Ensino na Faculdade de Letras, nas Escolas de Belas Artes e o magnifico cuidado posto na marcha e ampliação do Ensino Técnico.

Verificou-se, então, como é grande a actividade Ministerial no tocante ao apetrechamento do espirito para se poder enfrentar o dia de amanhã. Verificou-se, também, como temos caminhado, e com que velocidade, para darmos ao povo, em extensão grande, a educação profissional que ele precisa.

Aos que quizerem murmurar que ainda somos «um País de analfabetos» perguntaremos: «O que fez o democratismo a bem da Instrução Publica?»

Eles que respondam e que comparem.

Vivemos uma democracia que falava muito ao Povo, no seu Amor ao Povo, mas preferia o povo ignorante para melhor semear a sua daninha semente.

A Revolução Nacional, ao arrumar da casa Lustada, que encontrou em bolandas, começou por seriar os problemas fundamentais para realizar uma Obra que prometeu e para a qual eram precisos meios naturais de acção. Resolvidos estes problemas—financeiro e económico—logo se tratou de outros, em sectores diferentes da vida, entre os quais o da reforma profunda no sector do Ensino. Por isso se transformou o Ministério da Instrução Publica em Ministério da Educação Nacional.

Educar é bem mais que instruir. Só esta permissa chega para podermos avaliar a extensão do Programa que o Ministério da Educação começou a gisar e estudar. Se no ensino Superior as coisas corriam menos mal, até porque todos normalmente aspiram aos títulos doutorais, nas Escolas da cultura primária o assunto tornava-se mais bicudo, mormente nos meios rurais, por necessidade de ocupar no amanho das terras os braços das crianças e dos homens.

Houve que reagir contra este hábito, tornado necessidade económica dos casais pobres. Obrigar a aprender a ler foi difficil—mas o problema teve solução. Obrigar a ir mais além—distribuindo conhecimentos técnicos sobre a vida agricola, vai ser uma realidade.

Deixem-me recapitular, no respeitante ao ensino Agrícola:

Nós temos um modelar estabelecimento universitário que faz Engenheiros Agronomos; temos Escolas Agricolas excelentes que fazem Agentes Técnicos; temos ainda outras que preparam optimos regentes e feitores agricolas. Tudo bom, mas muito pouco para as neces-

(Continua na 2.ª página)

**P.º ANTONIO GOMES PEREIRA
E O «D. CALINO PORTUGUÊS»**

O nosso ilustre Colega, Sr. João Baptista de Lima, no n.º 16 do seu «D. Calino Português», diz que o ilustre Barcelense, Sr. Padre Antonio Gomes Pereira, Doutor formado pelo Curso Superior de Letras de Lisboa, em 1897, «nasceu em Março de 1858 em Midões», freguesia do nosso concelho.

Ora, o prezado Camarada deve estar equivocado porque, segundo documento, o Rev.º Dr. Antonio Gomes Pereira, nasceu em 30 de Setembro de 1859, na Casa de Chapre em Midões, e foi baptizado em 3 de Outubro do mesmo ano, por isso, só em 30 de Setembro do próximo ano, é que se deve comemorar essa data.

Não lhe parece, caro Amigo?

MAIS PARABENS E FELICITAÇÕES...

Os nossos respeitáveis amigos, Ex.ªs Snrs. Dr. Sebastião Maria Miranda Aviz de Brito, nosso ilustre Conterráneo e distinto Bibliotecário-Arquivista do Ministério da Educação Nacional; Dr. Padre Manuel Nogueira S. J., também nosso prestigioso Conterráneo e talentoso Professor no Instituto Nun'Alvares nas Caldas da Saúde e Luís Fortuna de Carvalho, digno e inteligente Funcionário da Caixa Geral dos Depósitos em Lisboa, enviaram-nos afectuosas felicitações pela passagem do 47.º aniversario deste Semanário.

Gratos pelas deferências.

Elevação e Cultura

Por Rev.º Dr. Francisco Mata Mourisca

(I I I)

Deus quis precisar dos homens. Eis um paradoxo e uma verdade. Como vai Deus ter necessidade de quem sem Ele nada pode? E como há Deus de nos manter neste mundo sem a prestação da nossa parte? Explícito-me. O Criador podia continuar a propagar os homens no mundo sem a colaboração deles, como fez com Adão e Eva. Mas preferiu precisar dos pais para criar os filhos. Podia, outrossim, fertilizar a terra, elevar o progresso humano, sem o suor da nossa testa e a árdua ginástica do nosso cérebro. Mas não quis. Optou pelo auxílio do nosso trabalho, de tal forma que só ajuda a quem O ajuda a Ele. Na ordem sobrenatural dá-se outro tanto. Deus podia infundir a Graça em nossa alma, dar-lhe incondicional incremento, fazê-la merecer um grande Céu, sem para isso nós darmos um passo. Que boa vida, não é verdade? Ir para o Céu, de carrinho, sem o mínimo esforço! Mas desiludamo-nos, que outra foi a vontade de Deus. Afim de apreciarmos a grandeza de seus dons celestes, quis que nos custassem trabalho, sacrificio, lágrimas e sangue. Este nobre pensamento plasmou-o Santo Agostinho naquelas suas imortais palavras: «Deus que te criou sem ti não te salvará sem ti».

Vejo nesta atitude divina uma subida dignação, uma alta glória a nós concedida. Exemplifico-me com dois estudantes: um, estudioso e inteligente; outro, cábula e alcançado de entendimento. Aquele, dominador absoluto do programa, obteve um vinte nos exames. Este, que mal havia cumprimentado os textos, conseguiu outro vinte, graças à boa *graxa* com que teve a habilidade de subornar os examinadores. Poderão dizer-me qual dos dois alunos é que se pode gloriar da sua nota? O primeiro, evidentemente, que a ganhou e mereceu, podendo chamar-lhe sua. Não o segundo, de quem só podemos admirar a ignóbil arte de iludir papalvos. Ora, Deus, que é tão justo como a mesma Justiça, não perdoou à ideia de que no Céu pudesse entrar algum tipo do segundo género. Quis que todos os moradores daquela beatífica mansão pudessem dizer com orgulho: sim, senhores, cá estamos porque o merecemos.

Cai por seu próprio peso a conclusão de que a árvore da Graça Divina não progride sem a colaboração da nossa parte, sem o cultivo do nosso trabalho, sem o amanho das nossas boas obras. E' a terceira condição que antes referimos e nos falta expor.

Qualquer objecto das nossas acções pode ser bom, mau ou indifferente.

E' bom quando, de per si, está ordenado a Deus, independentemente da nossa intenção. Basta pô-lo em prática, tal como é, para merecer a recompensa. Assim, dar esmola, rezar, etc.

E' mau quando, por si mesmo, nos afasta de Deus, independentemente da nossa intenção. Basta pô-lo em prática, tal como é, para merecer o castigo. Assim, roubar, matar, fornicar, etc.

E' indifferente quando, por sua natureza, não diz respeito a Deus, nem negativa nem positivamente. Por exemplo, andar, comer, estudar, etc. Ninguém nos chama bons ou maus porque fazemos tais acções. Como, então? Perderemos acaso o mérito destas obras que constituem a maior parte do nosso dia? Não, de forma alguma. São todas elas qualificadas pela intenção com que se realizam. Se as fazemos por vaidade, avareza ou outros motivos condenáveis, são, quando menos, palha para o Purgatório. Se as praticamos por cumprir o dever e agradar a Deus, então são aumento de Graça para a alma e de glória para o Céu. Seja-me permitido um simil deste mundo. O adorno elegante duma senhora é, por si só, coisa indifferente. Mas se ela se adorna com a intenção de seduzir e fazer cair alguém, eis um pecado grave; se se adorna com o fim de ser vista, admirada, lisonjeada, eis um pecado leve; se se adorna para desempenhar o lugar das suas funções sociais, para agradecer ao marido ou não desgostar os seus, eis uma virtude. Vede lá como a intenção pode fazer do mesmo acto um pecado mortal, um pecado venial ou uma virtude.

Descobri um meio de vos tornar felizes. E' dar-vos uma varinha mágica que tem o condão de transformar em ouro todos os objectos em que tocardes com ela. Ainda hoje, antes do sol-posto, podeis ficar milionários. Nem mais nem menos, a recta intenção. Todas as acções que fizerdes, ao toque desta varinha mágica, por mais insignificantes que sejam, imediatamente se converterão em ouro de precioso quilate para o banco eterno do Céu. Tudo quanto a Deus se oferece aumenta a Graça da alma e o seu prémio correspondente: assim a doença como a saúde; o trabalho como o recreio; o sofrimento como o gozo; a tristeza como a alegria; um grande esforço como um pequeno passo ou um pestanejar de olhos.

Faz, pois, grande sentido o oferecimento de obras pela manhã. Ao nos levantarmos, devemos dirigir a Deus tudo quanto se nos deparar durante o dia—pensamentos, palavras e obras. E a repetição posterior deste oferecimento é de grande eficácia para o progresso da

Graça. E' o que S. Paulo aconselha quando escreve: «quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus»

Afim 'de ilustrar a doutrina exposta, quero narrar um acontecimento que li algures. Chegada aos momentos da agonia, uma pessoa piedosa pediu que lhe trouxessem a sua chave do Céu, que queria morrer com ela.

Discorrendo sobre qual chave seria esta, uns traziam-lhe o terço; outros, o crucifixo; outros, enfim, o missal. Mas não era nada disso. Era simplesmente uma agulha. Ao tomá-la em seus trémulos dedos, a moribunda ciciou entre lábios: «eis aqui a minha chave do Céu». Tinha razão. Costureira havia muitos anos, aquela mulher todos os dias costumava oferecer a Deus os pontos da sua agulha, desde a manhã até à noite. E agora podia dizer, com razão, que era aquela a sua chave do Céu. Porque? Porque semelhante prática lhe merecera um incomparável aumento de Graça santificante e, portanto, de glória eterna.

Considerai bem as seguintes palavras, todos quantos estais na Graça santificante. O volante do vosso carro; a caneta do vosso escritório; os livros do vosso estudo; a baixela da vossa casa; o trépano e o bisturi; o alvião e o machado; a ceta e a cantarinha; etc., etc., eis, respectivamente, a vossa chave do Céu.

BARCELENSE Desportivo

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão
GIL VICENTE, 2 G. D. CHAVES, 0

O Gil Vicente terminou a sua actuação, no actual campeonato, perante o seu publico vencendo, o Desportivo de Chaves, por 2-0. O publico não correu como seria para desejar ao encontro que o grupo visitante era capaz de fazer qualquer surpresa atendendo-se á sua posição na tabela. Mas, perante o Gil Vicente, verificou-se que os transmontanos usufruem um lugar que está muito acima da classe demonstrada no «Campo Adelino Ribeiro Novo». O grupo barcelense venceu por um resultado que não traduz o dominio exercido nem, tampouco, a diferença entre a «classe» das duas equipas que evoluíram no campo desta cidade. Conseguimos os golos, aos 31 e 32 minutos da 1.ª parte, por Nolito e Gelucho, a equipa gilista, apesar de continuar a dominar, não alterou o resultado mercê, em parte, da esplendida exibição de Martin—o guarda-rédes visitante—e, por outro lado, pela manifesta falta de serenidade que revelaram os jogadores quando, no momento de remate e com a baliza aberta, desperdiçaram ocasiões soberanas de aumentar o activo do seu grupo. E' certo que—sem o resultado influir na classificação—os grupos podiam ter proporcionado um bom espectáculo mas a equipa visitante, jogando cautelosamente sobre a defesa, não se arriscava a «jogar o jogo» porque estava no pensamento dos seus jogadores manterem-se no 5.º lugar e, assim, o futebol-espectáculo ressentiu-se dessa tática.

Amanhã, para «fecho» do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, joga-se a ultima jornada. O Gil Vicente vai, ao Bessa, defrontar o Boavista e, sem apreensões quanto ao futuro, pode fazer esplendido resultado.

A S JUDAS TADEU
RECONHECIDAMENTE,
AGRADECE GRAÇAS CON-
CEDIDAS, HENRIQUE MAR-
TINS DA FONSECA.

Vila Nova de Gaia

Anúncio com 56 linhas publica-
do em «O BARCELENSE» de
1-3-1958

ANUNCIO
Arrematação

1.ª praça

1.ª publicação

No dia 20 de Março próximo, às 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Barcelos, em virtude da Execução Sumária que JOAQUIM NOVAIS e esposa D. MARIA MARGARIDA FERREIRA RIBEIRO NOVAIS, proprietários, residente na rua Alexandre Herculano n.º 182, da cidade do Porto movem contra CRISTINA DO VALE SANTOS, solteira, maior, residente na freguesia de Creixomil, desta comarca de Barcelos, há-de ser posto pela primeira vez em praça, para ser arrematado pelo maior lance oferecido, superior ao valor que adiante se indica, o seguinte prédio pertencente á referida executada, a saber:

PREDIO A ARREMATAR

«O DIRETO E ACCÃO a metade do CAMPO DE SERVEGANTE ou TRADEJANTE, de lavradio e arvores de vinho, e água de rega, sito no lugar de Carvalhal, freguesia de Creixomil, desta comarca, inscrito na matriz rustica no art.º 907 e descrito na Conservatória do Registo Predial no L.º B 27 como 16.ª gleba do prazo n.º 9.974, que vai á praça no valor de 2.460\$00.

Barcelos, 27 de Fevereiro de 1958.

O Juiz de Direito,
Pedro Vicente de Moraes
Campilho

O Chefe da 3.ª Secção,
Domingos Lima da Costa

NO MINISTERIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL A REVOLUÇÃO CONTINUA NUM DESENVOLVIMENTO NOTAVEL

(Continuação da 1.ª página)

sidades da Nação e as exigências actuais da Agricultura. Reconhecendo isto e antepondo-se a toda a nossa visão, o Ministro da Educação Nacional «estruturou o ensino complementar de aprendizagem agrícola, criando Escolas integradas nas linhas gerais do ensino profissional, tornando assim possível uma educação á vasta população rural do nosso País».

Mantidas e criadas essas Escolas pelo Ministerio da Educação Nacional, pode o ensino agrícola generalizar-se prontamente, já que o diploma faculta ás Cámaras Municipais, Juntas de Freguesia ou Casas do Povo, a solicitação desses instrumentos de Educação.

Resta saber como as Camaras, as Juntas e as Casas do Povo procederão. Digo isto, acostumado como ando ao indiferentismo de tantos perante problemas de espirito por môr de uma tendência geral que só visa alcançar bens metálicos...

A. Pinto Machado

VASCO DA COSTA

O nosso amigo e conterrâneo, Sr. Vasco Maria Machado da Costa, extremo filho da Sr.ª D. Maria Amélia Matos Machado da Costa e do nosso também amigo, Sr. Acácio G. Costa, considerado Chefe da Secretaria da Junta de Freguesia de Barcelos, foi nomeado Funcionário do Banco Pinto & Sotto Mayor e colocado na filial do Porto.

Ao novel Funcionário, que é digno e muito inteligente, bem como a seus progenitores, enviamos effectuosos parabens.

VENDE-SE

Na freguesia de Milhazes, deste concelho, vende-se a «Quinta Nova», um campo e uma bouça. Quem pretender, queira falar nesta Redacção.

DR. REIS MAIA



Ontem, fez 23 anos que faleceu o distinto Colaborador deste Jornal, Sr. Dr. José Barbosa Marques dos Reis Maia, saudoso Jurisconsulto.

Como recordar é viver, aqui relembremos a memória de tão egrejo amigo.

GAZETILHA

SAUDANDO

47! Contados,
Muitos mais possa contar.
Que sejam bem festejados
Felizes, celsos agrados
No bom caminho a trilhar.
No caminho já andado
—Nesses seus quarenta e tal—
Boas provas ele tem dado
De defensor denodado
Da sua terra natal.
O seu pitoresco Minho
Propaga com devoção
E acendrado carinho
Como a ave ao q'rido ninho
Que lhe jala ao coração.
O Cávado tem desvelos
Para a terra a que pertence;
Se beija a linda Barcelos
Esta tem filhos mui belos
Como seja «O BARCELENSE».
E como filho extremo
Ele estima sua Mãe.
Na labuta corajoso
Defende o torrão jamoso
Na conduta que mantém.
Conduta pundonorosa
Na carreira que encetou.
E por ser algo espinhosa
E a sabe manter honrosa
Os parabens eu lhe dou.

Vale de Santarém—João d'Aldeia

Um sonho na infância

E' missão sublime empregarmos a nossa acção, individual ou colectiva, na reconstrução, quer moral quer material.

O coração do homem, geratriz dos sentimentos, pode ser bem ou mal constituído.

Na idade juvenil far-se-á um estudo á maneira de agir da pessoa, e, caso haja maus instintos, deve-se procurar modificar o seu modo de pensar. E assim podemos concorrer para a formação de um Portugal mais cristão e mais humano.

A existência dos pobres, daqueles que vivem sem abrigo, muitas vezes alojados em verdadeiras choupanas de colmo, expostos ás inclemências do tempo, não conhecendo, na vida, nada mais que os açoites do destino, é inegável.

Para estes urge dar-lhes uma parcela de conforto e bem-estar.

Recordemos o pregão do Bispo de Beja, D. José de Patrocínio Dias, que foca o problema, aliás justíssimo, da habitação para os pobres.

Nós, alunos do Externato «D. António Barroso», não podemos ficar indiferentes perante tal iniciativa. Assim, atendendo a que a assistência e auxílio ás classes pobres constitui necessidade premente, a que não nos podemos eximir sem deslustre para o bom nome de cristãos de que nos ufamamos, resolvemos fundar, por desejo unânime, uma Conferência Vicentina. E, como início da obra que propomos realizar, vamos levar a efeito um sorteio, cujo prémio, na sua singeleza, traduz a vontade firme que nos anima e cujo produto será transformado na construção de uma moradia para uma família pobre.

Animados, pelo fulgor próprio da idade, gritaremos ao coração de cada barcelense, para que nos

BOLETIM DE SANTO ANTÓNIO

(1 a 8 de Março de 1958)

(A) O CULTO DA SEMANA—Na Igreja de Santo António da Cidade, os actos religiosos da próxima semana são os seguintes:

Sábado, dia 1—Começa o mês de S. José, cujo exercício terá lugar todos os dias ás 21 horas, menos aos domingos, em que será ás 16 horas.

Domingo, dia 2—a) Missas: ás 6,30, 8, 9,30 e 12 horas. (E' o 2.º domingo da Quaresma, com paramentos roxos, sem Glória, 2.ª oração pelo Papa, com Credo e Prefácio da Quaresma).

b) Terço, Via-Sacra e Benção. A's 15,45 horas, reza-se o Terço; ás 16, faz-se a Via-Sacra solene, finalizando com a Benção. (Este dia é o aniversário da coroação do Papa. Rezemos por ele).

Quinta-feira, dia 6—a) De manhã, ás 7 horas: Missa com Comunhão geral para os associados das Quintas-feiras eucarísticas

b) A's 21 horas: HORA SANTA.

Sexta-feira, dia 7—E' a primeira sexta-feira do mês. Recordamos a devoção das primeiras sextas-feiras. A' noite, no fim do Terço, haverá Via-Sacra, com mais brevidade que ao domingo.

OBSERVAÇÕES—a) As missas nos dias de semana são sempre ás 7 e 8 horas. b) O Terço, como acima está insinuado, é todos os dias ás 21 horas, excepto aos domingos, em que é ás 16 horas.

(B) DIAS DE INDULGENCIA PLENARIA—Basta fazer a Comunhão desde a véspera até á oitava do dia marcado; a confissão, oito dias antes ou depois.

1) Terça-feira, para quem visitar a Igreja de Santo António ou outra Igreja franciscana, estando o SS.º exposto e rezando aí um P. N., A. M. e G. pelo Santo Padre.

2) Quarta-feira, para quem visitar a Igreja de Santo António, ou outra Igreja franciscana, rezando nela um P. N., A. M. e G. pelo Santo Padre.

3) Todos os dias da semana, para os Terceiros que, visitando uma Igreja franciscana, ou mesmo paroquial, rezarem aí uma estação.

(C) INFORMAÇÕES—1) Sexta-feira próxima é dia de abstinência?—E', sim, para todos, mesmo para aqueles que tiraram indulto.

2) Quem chegar á Missa no momento do «Sanctus» cumpre o preceito de ouvir outra até àquela altura?—Sim, quem chegar depois do Ofertório, ou ao Sanctus, ou mesmo depois da Consagração, pode ficar de consciência tranquila, se ouvir outra Missa até áquele momento. E' sabido de todos que quem chegar á Missa depois do Ofertório falta gravemente ao preceito de ouvir Missa inteira.

3) A Missa ou o Terço ouvidos pela rádio têm valor? O Terço ouvido e rezado pela rádio tem valor, sem dúvida alguma. A Missa ouvida pela rádio, distinguindo, como devoção, sim, tem valor; para cumprir o preceito do domingo, não tem valor. As pessoas doentes fazem muito bem ouvir Missa pela rádio, mas não estão obrigadas a isso e muito menos a ir á Igreja ouvi-la.

ELECTRIFICAÇÃO DA FREGUESIA DE CHORENTE

O Povo da donairoza freguesia de Chorenthe, do nosso concelho, no penultimo domingo, vestiu a indumentária das Festas para receber, condignamente, os Ex.ºs Governador Civil de Braga; Presidentes da Camara da mesma cidade e de Barcelos; Comandante Distrital da P. S. P.; Comandante da Secção da G. N. R.; Vereadores Municipais; Membros da União Nacional, Delegado Escolar, Funcionários da Camara, Representantes da Imprensa, etc., etc., que foram inaugurar a luz eléctrica áquela importante freguesia.

Logo que a illustre Embaixada chegou a Chorenthe foi cumprimentada pelos membros da Junta de Freguesia, Srs. Manuel Andrade Novaes, Presidente; António de Oliveira Amorim, Tesoureiro e António Joaquim Lopes da Fonseca, Secretário; Manuel Francisco da Silva, Regedor; Padre Joaquim Faria de Brito, Pároco; António Ferreira Campos e os restantes membros da Comissão da Electrificação da freguesia e centenas de pessoas de todas as categorias sociais e gentis meninas, vestidas com trajes regionais, lançavam flores sobre a Caravana, enquanto estrelavam no espaço dezenas de foguetes e a cabine sonora Soucasaux transmitia o Hino Nacional. Os vivas a Portugal, a Salazar e ao Estado Novo, eram constantes.

Em seguida, o cortejo dirigiu-se para o local onde está a cabine que, depois de benzida, o Ex.º Governador Civil ligou a alavanca para, á noite, a freguesia ter luz, sair das trevas... Palmas, muitas palmas e vivas, foram ouvidas neste solene acto.

Depois, a Embaixada e demais pessoas, dirigiram-se para uma Tribuna que estava colocada junto á Igreja Paroquial, onde se realizou uma sessão solene, presidida pelo Ex.º Governador Civil, Sr. Conselheiro-Desembargador Dr. António Abranches, que deu a direita aos Ex.ºs Srs. Dr. Luís Novaes Machado; Presidente da nossa Municipalidade; Comendador António Santos da Cunha, Presidente da Camara Municipal de Braga; Capitão Euclides de Barros, Comandante Distrital da P. S. P. e Manuel Andrade Novaes, Presidente da Junta e, á esquerda, aos Ex.ºs Srs. P.º Joaquim Faria de Brito, Pároco; Dr. Joaquim Reis e Augusto Figueiredo, Vereadores; Manuel Pereira de Carvalho, Comandante da Secção da G. N. R.; Professor Afonso Rego, Delegado Escolar e Francisco Paiva, Técnico da Chenop.

Neste acto, fizeram uso da palavra os Srs. Padre Brito, a menina Delfina Oliveira e Silva, António J. L. Fonseca, a menina Laurinda Faria Miranda (que entregou, em nome da Comissão da electrificação, uma libra em ouro ao Sr. Paiva); Rev.º Dr. António da Costa Lopes, Dr. Novaes Machado e encerraram a sessão o Ex.º Governador. Todos os illustres oradores receberam fartos aplausos, ouvindo-se vivas á Pátria, ao Governador ao Presidente da Camara e ao Povo de Chorenthe.

Em seguida, houve uma visita ás obras da nova Igreja. Depois, seguiu a Embaixada e demais convidados para a Escola Primária, onde a conceituada Pastelaria Vieira de Castro, de Famalicão, serviu um delicioso «Copo de A'gua», que deu motivo á troca de affectuosos brindes entre os Srs. Pároco da Freguesia, Director Técnico da Chenop, Presidente da Camara M. de Braga, Presidente da Camara M. de Barcelos e Governador Civil de Braga, que fizeram as melhores referencias ao Povo de Chorenthe e pediram para que haja harmonia entre todos. Terminando a entusiástica e baírrista Festa com vivas ao Estado Novo, a Salazar, ao Governador Civil, Presidentes da Camara de Braga e de Bar-

auxilie nesta obra verdadeiramente humana, adquirindo os bilhetes do sorteio que, brevemente, serão apresentados ao publico.

Que o acolhimento seja favorável e possamos tirar bom fruto desta tarefa, iniciativa dos alunos deste Externato.

Lançamos a semente aos sentimentos dos barcelenses e esperamos que germine em terreno fértil: a terra, o coração dos que nos compreenderem; a semente, o nosso apelo.

Querer é poder e, por consequência, contamos com a ajuda de todos para a realização dessa obra que será um complemento da do immortal Padre Américo.

Lutamos heroicamente por esta causa e oxalá tenhamos êxito brilhante, de harmonia com o calor do mesmo entusiasmo.

Rui Boaventura—IV ano